A PRÓXIMA FASE

A guerra dos anjos

A PRÓXIMA FASE

A guerra dos anjos

Bruna Lazari

©2017

1ª edição brasileira

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida sem o consentimento prévio, por escrito, dos editores, exceto para breves citações, como indicação da fonte.

Autor

Bruna Lazari

Apresentação

A próxima fase – a guerra dos anjos, é o primeiro volume de uma emocionante trilogia de "*A próxima fase*".

Leia também:
A próxima fase – a guerra final
A próxima fase – a origem

Lilian escreve todos os dias para uma coluna de relacionamentos de um jornal local. Sem entender o sentido da sua vida, não tem perspectivas para o futuro. Até que em uma manhã seu mundo muda completamente, se depara com Fátima, uma mendiga que por algum motivo, Lilian se sente na obrigação de ajudar e logo em seguida conhece o Márcio, um novo funcionário do jornal, que mexe rapidamente com os seus sentimentos, porém esse, esconde um segredo muito grande de Lilian, desaparecendo a todos os momentos.

Um serial killer chega na cidade, fazendo com que uma série de assassinatos sejam cometidos e deixando a população assustada. Será o Márcio o autor de crimes tão sangrentos?

A Próxima fase - A guerra dos anjos, é um livro de ficção que te leva a se perguntar se estamos sozinhos no mundo.

Venha entrar nesse novo universo e se apaixonar neste romance intenso!

Dedico esse livro para àqueles que estão do meu lado me protegendo e me ajudando nos desafios da minha vida.

A vontade de desistir é muita, mas quando temos alguém do nosso lado que acredita e que nos ajuda a vida fica mais colorida e doce.

Para vocês meus "anjos"!

Capítulo 1

A noite estava fria e chuvosa, mas isso não importava. A mensagem tinha chegado no seu celular há uns 7 minutos atrás, sabia que teria que agir rápido para não ter impactos. Gostava muito do seu trabalho, para ele, essa era a parte mais importante na vida de qualquer um. Não era o nascimento, afinal ninguém se lembra do próprio nascimento, não eram conquistas tolas que não seriam levadas para todo o sempre, mas o melhor, o mais importante, o que todos temiam e acreditavam, era a morte. Afinal, somente uma coisa que todos tinham certeza da vida, a certeza de que um dia iriam morrer, e poder proporcionar a morte para as pessoas era encantador, mas o melhor de tudo era o olhar.

O olhar da pessoa, essa era a melhor parte. A forma com que a pessoa encarava, a mistura de sentimentos, a dúvida, confusão e depois o entendimento e paz. Como as pessoas podiam ser tão previsíveis e iguais na hora da morte? Primeiro ficavam confusas, rejeitavam que estavam morrendo, depois entendiam, aceitavam e sentiam a paz. Era belo e consolador.

Devagar vinha um carro ao longe, era quase 23hrs, e para a morte de Marcos faltavam apenas 13 minutos.

Marcos estava terminando de fechar o posto de gasolina que trabalhava na beira da estrada, como esse horário era de pouco fluxo, trabalhava sozinho. Viu de longe o carro parando perto da bomba de combustível e pensou:

– Droga, faltam só 4 minutos para fechar e o cara vem abastecer. – Se forçou a colocar um sorriso no rosto e foi até o lado do motorista no carro, não podia ser mal-educado, não podia ter outra reclamação do seu trabalho senão seu chefe iria demiti-lo.

O carro que tinha acabado de parar era uma caminhonete preta, os vidros estavam fechados mais foi possível ver que existia somente uma pessoa dentro do carro, o motorista, e esse não desceu por causa da chuva.

– Boa noite.

– Boa noite, pode completar? Na gasolina.

– Claro, sem problemas. – respondeu Marcos ao homem pegando sua chave.

Logo terminou, ou seja, o carro estava com o tanque quase cheio, olhou o marcador e mostrava 8 reais, foi até o motorista que lhe entregou uma nota de 20 e deu partida no carro falando:

– Obrigado, boa noite. Pode ficar com o troco. – E foi embora.

– Que cara estranho! Vem aqui para completar o tanque com ele já cheio, perto do horário de fechar e ainda me dá mais do que o dobro do valor.

Ainda indignado foi apagando as luzes para que não chegasse nenhum outro cliente, ao terminar foi caminhando pela lateral do posto até o seu carro, a chuva incomodava e a pouca luz dificultava a sua visão, mas sabia exatamente o caminho, afinal fazia isso todos os dias há meses.

Seu carro era um corsa antigo, mesmo sendo um carro velho lhe ajudava muito a ir do trabalho até em casa, ainda mais nesse horário ruim que trabalhava.

Ao chegar perto do carro sentiu como se não estivesse sozinho, como se tivesse alguém observando, olhou para os lados, mas não viu ninguém, também estava muito escuro e seus olhos ainda não tinham se acostumado com a mudança da luz.

Abriu o carro e entrou, trancando a porta pelo lado de dentro, seu coração batia forte e de dentro do carro não era possível ver nada do lado de fora, a chuva piorou de repente não ajudando muito na sua visão, como não estacionava em um local coberto os vidros estavam todos encharcados. Respirou fundo, morria de medo de assaltos, sabia como era frequente

assaltos em postos de gasolina ainda mais nesse horário, porém não podia se dar ao luxo de deixar de trabalhar, não arrumou nenhum outro emprego e com esse pelo menos conseguia comprar as coisas para casa.

Assim que se acalmou deu partida no carro, porém esse estranhamente não pegou.

– Só me faltava essa agora!

Criou coragem, saiu do carro e abriu o capô, vendo se tinha algo que poderia fazer.

Aquele que observava tudo de longe pensou – *A hora é agora*. – Saiu da sombra que estava escondido e protegido da chuva, levantou o capuz do moletom e foi andando até o carro, o coração batendo forte, era possível ouvir seus passos e o bater do seu coração ao mesmo tempo, como se fosse um alarme.

Marcos percebendo que alguém se aproximava olhou para cima, mas já era tarde demais, o seu assassino estava a menos de 3 metros de distância, já com o revolver apontando para a sua cabeça, foi possível somente ver o rosto do seu agressor, era aquele mesmo cliente que a pouco tinha completado o tanque. Em uma fração de segundos um clarão dominou sua visão e foi possível ouvir o tiro ecoando.

Capítulo 2

O despertador do celular começou a tocar "One Love" de Bob Marley às 05h da manhã, seu horário diário de acordar para o trabalho.

O porquê ela ter escolhido essa música?

Ela não era uma garota religiosa, mas acreditava que não estava sozinha nesse mundo. Na verdade, ela já nem sabia mais se era isso mesmo o que ela acreditava ou o que ela queria acreditar. Mas acordar com essa música deixava ela mais calma, com uma esperança de talvez o dia fosse diferente de tantos outros.

Naquele dia em específico ela já estava acordada antes mesmo do despertador tocar, na verdade duvidava muito que tinha conseguido dormir.

Ultimamente as noites estavam assim, ela conseguia cochilar por alguns momentos, porém boa parte do tempo que se lembrava estava muito cansada, mas não conseguia pregar os olhos. Tinha a impressão que o tempo passava devagar e ao mesmo tempo tão rápido, constantemente o sentimento de cansaço tomava conta de todo o seu corpo.

Enquanto o despertador tocava aquela música ela deu um gemido de leve, levou o lençol até a cabeça e respirou fundo.

Não tinha vontade nenhuma de se levantar, se pudesse gostaria de hibernar ali, de nunca mais sair da cama ou tomar consciência do dia. Não queria se mexer, não queria comer, ir ao banheiro, ver ninguém, ela não queria mais nada.

Sua vida nunca teve sentido, não conseguia entender o que fazia ali, qual era o sentido da sua existência. Afinal ela fazia todos os dias a mesma coisa! Não era uma pessoa importante e muito menos suas atividades eram de extrema importância. Nada fazia sentido.

Mas, para que tentar entender?

Ela se perguntava frequentemente, porém os mesmos pensamentos e perguntas vinham na sua cabeça todos os dias, e nunca tinha conseguido responde-los. Para que continuar se perguntando?

Virou na cama, desligou o despertador e ficou alguns minutos olhando para o quarto.

Como de costume estava bagunçado, ela nunca fora muito organizada. Mas agora era diferente, a bagunça era a maior que

tivera, a pilha de roupa em cima da cadeira era tão grande que muitas peças já tinham caído no chão e outras estavam penduradas.
Na sua penteadeira existiam vários potes vazios, cartelas de remédios já tomados, algumas garrafas de água e sua escova cheia de cabelo.
Dividia espaço na cama com algumas peças de roupas usadas, bijuterias que usava as vezes e esquecia de tirar antes de deitar na cama, sua bolsa do trabalho e uma garrafa de água na metade.

Respirou fundo e se sentou na cama, já eram 05h23. Tomou coragem, se levantou e foi ao banheiro fazer xixi, sua bexiga já estava doendo, mas a preguiça e o desânimo que tinha no seu corpo eram maiores do que a sua necessidade, fazendo com que tivesse chegado próximo ao limite para ir ao banheiro.

Ela pensava com frequência em suicídio, já tinha tentado várias vezes se matar inclusive, porém claro, nunca teve sucesso. Há alguns meses já tinha desistido, não tinha um método certo e confiável que funcionaria, e isso a deixava com muito medo de errar e ficar para sempre presa em uma cama ou sendo um peso maior para os outros.

O resto da casa estava bagunçada também, o banheiro cheirava a umidade. Existia um cesto de roupas sujas já lotado próximo da parede, dentro do box tinha vários potes de shampoo e condicionador pela metade e alguns já acabados. Agradeceu mentalmente que hoje a moça que lhe ajudava em casa

viria para dar uma arrumada em tudo. Tinha vergonha claro de deixar tudo naquele estado e depois chama-la, mas sabia que ela mesma não daria um jeito nas coisas, então sua fiel amiga Maria iria ajuda-la novamente naquela missão.

Terminou de usar o banheiro, deu descarga e foi lavar as mãos. Se olhou por alguns segundos no espelho e levou um susto com o que viu, estava péssima.

Seus olhos estavam inchados de chorar a noite toda, o cabelo sujo e pele oleosa. Em volta dos seus olhos era possível ver o resto dos lápis de olho que tinha passado no dia anterior. Molhou o rosto com a água gelada da pia, pensou em passar um sabonete, mas o frio da água e a preguiça a impediram.
Saiu do banheiro com calma e se dirigiu até a cozinha, estava andando descalça e sem muita preocupação. No chão tinha um pouco de poeira e cabelos que caiam. A cozinha não estava em uma situação melhor do que os outros cômodos, tinha várias embalagens de alimentos já comidos, e a louça suja estava por todos os lados.

Colocou a água para esquentar e se sentou na cadeira, ficou encarando o vazio e pensando em tudo o que estava acontecendo. Lembrou-se como era acordar antes. Não que fosse bom, nunca foi. Mas era bem melhor que aquilo, aquela indiferença, aquele vazio e solidão que tomava conta do seu corpo e mente não ajudavam.

A chaleira começou a fazer barulho, se levantou e passou uma xícara exata do seu café predileto. Era o suficiente para uma pessoa, era o suficiente para poder acordar e seguir o dia.

Enquanto tomava o café, foi se arrumar. Escolheu roupas simples, mas certas para o trabalho, uma coisa que nunca fazia de errado era deixar de trabalhar ou trabalhar mal.

Enquanto estava na empresa trabalhando parecia que nada mais importava, aquilo era importante naquele momento, alguém dependia daquilo e era tudo o que importava. Porém quando acabava o dia, ia para casa e aquela sensação de desânimo batia novamente em seu corpo. Só de pensar que amanhã será sábado já deu um frio no estômago.

No último final de semana ela não conseguiu sair da cama, tinha planejado fazer várias coisas, limpar a casa, fazer compras, sair para fazer exercícios, mas não conseguiu sair da cama. Tomou os últimos calmantes que tinha guardado como ouro e mal viu o tempo passando.

Tomou mais um gole do café, se olhou no espelho. Tinha colocado uma calça jeans preta, e uma camisa azul clara.

Terminou sua maquiagem rapidamente e se olhou no espelho.

Perfeito! Como sempre ninguém vai perceber nada. – Pensou em voz alta.

Lilian era uma garota de altura média, em 1,66 metros, não era gorda e nem magra, tinha um corpo normal e comum. Sua pele branca como a neve com algumas pintas marcadas pela sua insistência na adolescência de se expor demasiadamente no sol para tentar ficar bronzeada, hoje já sabia que isso para ela era infactível, o máximo que conseguia é ficar vermelha ou rosa e passar vários dias de muita dor.

Seus traços eram simples, mas bonitos, tinha uns olhos grandes com cílios cheios, uma sobrancelha fina e escura, sua boca era grande e com lábios finos, tinha um queixo levemente pontudo acompanhando o seu rosto fino, seu cabelo era liso e de um castanho escuro, quase preto, que dava um belo contraste com seu tom de pele branca.

Estava em uma época do ano que o clima não se decidia, dia era frio, dia quente demais, hoje era um dos dias muito frio. Pegou um casaco e um cachecol para poder andar na rua. Arrumou a bolsa que estava jogada na cama, procurou os óculos embaixo do travesseiro e saiu apressada de casa.

Odiava aquela época, odiava o extremo frio, o tempo úmido como se chovesse todos os dias, – na verdade chovia mesmo, aquela chuva fraca e fina caia do céu todos os segundos.

O mundo já parecia não ter mais cores, a vida já não tinha mais graça, e o inverno parecia combinar perfeitamente com o seu mundo.

Depois de duas conduções conseguiu chegar na quadra que trabalhava, ainda eram 07h30 e a movimentação começava a nascer com o iniciar do dia. Como de costume parou em uma lanchonete que tinha no início da quadra, precisava de outro copo de café quente para poder aguentar o que esperava no trabalho. Ao entrar na loja reparou em uma senhora sentada no chão do lado de fora na porta, ela parecia cansada, estava com os olhos fechados, respiração fraca. Visivelmente ela era uma moradora de rua. Estava com as roupas e o corpo bem sujo e tinha uma feição de dor no rosto.

Entrou na lanchonete e ficou na fila esperando para fazer o pedido, era muito normal ver moradores de rua pela cidade, porém por algum motivo aquela velha senhora mexeu com ela. Pensou um pouco se ela parecia alguém que ela já conhecia, como uma avó, vizinha ou parente, mas não. A resposta era o frio, aquele frio que parecia que ia congelar seus ossos, se ela que estava de cachecol, com um casaco bem grosso e dentro de uma loja se sentia assim, imagina aquela senhora?

Começou a pensar como seria dormir à noite toda na rua, com fome e dores no corpo da idade e a posição ruim. Resolveu então comprar um copo do maior café para aquela senhora, e dois salgados. Assim ela teria um para agora e outro para mais tarde, poderia ajudar um pouco talvez.

Saiu da loja um pouco receosa, não sabia qual seria a reação daquela desconhecida quando entregasse as coisas, imaginou que talvez pudesse ficar chateada, ou orgulhosa e não aceitar.

Teve uma ideia, sentou do lado da senhora, encostou suavemente nos ombros da desconhecida e disse:

– Bom dia, meu nome é Lilian. Aceita tomar um café comigo? – Falou sorrindo carinhosamente.

Por alguns segundos aquela mulher ficou encarando o rosto da Lilian, seus olhos começaram a ficar marejados de lágrimas e mostrou um sorriso no rosto.

– Claro minha querida, meu nome é Fátima.

– E então Fátima, de onde você é? Sempre foi daqui dessa cidade mesmo? – perguntou Lilian enquanto entregava o café e o salgado para aquela velha senhora.

– Ah não! Vim para cá muito jovem com um namorado de adolescência, éramos muito novos e achávamos que aqui na cidade grande encontraríamos o sucesso. Depois de alguns meses ele me trocou por uma moça do trabalho dele. Acabei ficando longe de casa, sem ninguém e sem nada – começou a contar Fátima pensativa, como se fizesse muito tempo que não conversava.

Lilian sabia que pessoas de idade gostavam de contar histórias, era como reviver o passado. Pessoas jovens gostam de sonhar com o futuro e pessoas mais velhas gostam de sonhar com o passado.

– Ah, desculpa. Você não está interessada de saber dessas histórias de velha – completou Fátima, sem graça, olhando para suas mãos sujas e calejadas.

– Claro que estou! – falou Lilian se mostrando interessada. – É uma pena que ele tenha feito isso. E como você se virou depois dessa decepção?

– Ah eu trabalhei duro, tive que me virar. Pensei várias vezes em desistir, mas Deus não coloca peso nenhum que não dê para a gente carregar – falou Fátima com o punho fechado e sorrindo. – Descobri que estava grávida depois de 2 meses que o José tinha me deixado. Fiquei muito assustada no começo, mas logo percebi que aquilo era um presente, era a força que eu precisava para continuar. Continuei trabalhando

para poder alimentar eu e meu filho. Passamos maus bocados, mas sempre conseguimos sobreviver a tudo.

– Desculpa perguntar Fátima, mas onde está seu filho? Como você veio parar aqui na rua? – perguntou Lilian.

– Não precisa se desculpar minha querida, – disse Fátima após tomar um longo gole do café que tinha recebido – meu filho estudou bastante, se casou e foi morar no Canadá. Sou muito orgulhosa dele!

Nesse ponto da conversa era possível perceber que a senhora estava emocionada e ao mesmo tempo cansada.

– Sabe que eu nunca contei para ele que estava com dificuldades de dinheiro? – continuou a senhora após pensar um pouco. – A gente nunca pensa que vai acontecer com a gente o que acontece com os outros, ainda mais depois de tantos anos trabalhando e conseguindo me virar sozinha. Eu sempre trabalhei como diarista ou babá não tive registro em carteira, quando meu filho viajou eu estava muito bem e sempre muito orgulhosa para aceitar qualquer tipo de ajuda. – continuou Fátima. – Porém depois de alguns meses eu não consegui mais fazer as mesmas atividades que fazia antes, meu corpo todo doía. O médico público diz que é doença de velho, coisa normal. Mas com isso o dinheiro foi acabando e acabei parando aqui, sendo alimentada pela pena das pessoas que passam.

Lilian pode perceber que aquilo incomodava muito a Fátima.

– Hoje eu não tenho mais como falar com o meu filho, não tenho o telefone dele, e muito menos sei como entrar em

contato. Ele me ligava toda a semana no meu telefone em casa, deve estar preocupado comigo. – Nesse momento ela já estava em prantos.

Lilian rapidamente pegou um lenço que tinha na bolsa e entregou para sua nova amiga.

– Eu vou te ajudar Fátima, fique tranquila – falou então sorrindo enquanto apertava a mão calejada da idosa.

– Não, não, minha querida. Realmente não quero dar trabalho para ninguém. Nem sei se teria coragem de falar para o meu filho da minha situação, ele com certeza está bem e está feliz lá no outro país. Não quero incomoda-lo e muito menos a você!

– Jamais diga isso. Comigo não será nenhum incomodo! Eu realmente me interessei muito pela sua história, posso te contar um segredo? Algo que ninguém sabe? – perguntou Lilian.

Vendo a confirmação no rosto de Fátima, Lilian continuou:

– Sou uma pessoa muito sozinha, sabe Fátima, eu penso constantemente em suicídio, não aguento a minha vida e não tenho motivos para existir. – Lilian não sabia por que estava falando aquilo, nunca tinha contado isso para ninguém. Odiava aquelas palavras saindo da sua boca, parecia que era a confirmação do quanto ela era ridícula e fraca. – Mas a sua história me deu uma luz, uma sensação de que eu posso vencer isso, como a senhora mesma disse "Deus não nos dá nenhum peso que não sejamos capazes de carregar".

Percebeu então que estava chorando e apertando muito a mão daquela senhora, que de tão bondosa não estava reclamando, somente compartilhando o carinho.
Limpou o rosto, e continuou:

– Faremos o seguinte, vou te hospedar em um hotel que tem nessa rua, vou pedir para você ir até lá, tomar um banho quente e ficar deitada na cama de roupão descansando o corpo. Pode pedir a refeição que quiser no seu quarto e ver TV à vontade. Assim que eu sair do trabalho venho te buscar com roupas novas e limpas para podermos conversar e definir o que faremos. Ok? –Percebendo que a senhora estava novamente pensando em recusar a sua oferta continuou. – E por favor, faça isso. Se não quer fazer pela senhora, faça por mim. Pode ser?

– Claro minha querida, faremos isso então. – Falou Fátima após pensar um pouco.
Chegando no hotel Lilian foi fazer o check in e explicou para o encarregado que todas as contas ficaria em sua responsabilidade. Informou que aquela senhora poderia pedir qualquer coisa do cardápio e mais tarde ela pagaria. Teve claro que deixar um valor já adiantado para que aceitassem uma moradora de rua dentro das propriedades.

Lilian aproveitou para gravar os dados passados pela Fátima para o recepcionista, anotou em sua memória o nome completo daquela senhora e se despediu, voltando para o frio da cidade.

Saindo do hotel e se dirigindo novamente ao caminho da empresa olhou para o relógio já eram 08h40, com isso não

ficava preocupada, ela não tinha um horário fixo para entrar na empresa. Começou a atravessar a rua e conseguiu ver Ricardo na porta da empresa.

Ricardo era o segurança do turno da manhã, ele sempre tinha um ótimo humor, sabia o nome de todos os funcionários e onde trabalhavam. Sabia tudo sobre todo mundo, se eram casados, solteiros, tinham filhos, onde moravam, e o que faziam.

Era uma pessoa muito querida por todos. Ao vê-la atravessando a rua já sorriu e se pôs a perguntar:

– Bom dia! Comprou as frutas no mercado municipal?

– Não Ricardo, não consegui sair. Precisei resolver alguns problemas de família. Mas vou com certeza amanhã! – mentiu rapidamente colocando um sorriso no rosto para parecer que tudo estava bem como de costume.

Fazia muito isso, sempre que perguntavam *"você está bem? "* Ela respondia sem pensar *"Sim, estou ótima. "* Era como se fosse uma válvula de escape, entendia que as pessoas que perguntavam não queriam saber realmente da verdade, mas a pergunta sempre mexia muito com ela. Fazia com que ela própria se perguntasse se estava tudo bem, e logo chegava a conclusão que não estava.

Ricardo tinha comentado de umas frutas ótimas que ele tinha comprado nas férias no mercadão, e Lilian querendo ser simpática tinha dito que passaria por lá para experimentalas. No momento que comentou até pensou que seria uma boa ideia, sair um pouco de casa, sair um pouco da cama, mas foi